

FALAR SOBRE SEXO É PROIBIDO PROFESSORA?

Profa. MSc. Lucilaine dos Santos Oliveira*

Resumo

Prezado/a leitor/a, neste texto apresento o relato de uma experiência docente, em que realizei a atividade “Biblioteca na sala de aula”, na qual as crianças exploraram os livros da coleção Sexo e Sexualidade, problematizando discursos que ao longo da história, vêm determinando e posicionando as crianças como ingênuas, inocentes, passivas, imaturas e desprovidas de dúvidas e saberes sobre corpos e sexualidades.

Como habitualmente acontecia nas manhãs de quarta-feira, a bibliotecária da escola selecionava livros para os/as alunos/as, a fim de que fosse realizada a atividade “biblioteca na sala de aula”. Tal atividade é parte de um projeto que visa estimular o hábito da leitura de diferentes textos e valorizar a sala de aula como um espaço de pesquisa e de construção de aprendizagens.

Na tentativa de articular o tema de interesse da turma na época - as borboletas - ao tema sexualidade - optei, naquela manhã, em começar a dinâmica contando a história “De lagarta à borboleta”, da coleção Sexo e Sexualidade, que trata das mudanças do corpo e das transformações ocorridas principalmente no período da puberdade. Ao recordar daquele momento, entendo que a escolha do livro demonstrava que minha concepção acerca da temática sexualidade, naquela ocasião, ainda era direcionada sob o ponto de vista biológico, em que a sexualidade é tomada como essência, substância e/ou uma materialidade biológica.

*Professora da rede pública de ensino do município do Rio Grande, atuando na rede municipal como coordenadora pedagógica dos Anos iniciais e na rede estadual como professora de Sociologia do Ensino Médio. Mestre em Educação Ambiental (FURG).

Hoje, ao escrever este texto, percebo o quanto o estudo dessa temática, em diferentes contextos, tem contribuído para que eu construísse outros modos de “ver” e tratar essa temática na sala de aula.

Arelado ao discurso biológico para se falar de sexualidade nos Anos Iniciais também se articulam outros como o da criança ingênua, inocente e assexuada e da sexualidade restrita ao ato sexual, desvalorizando entendimentos e significados construídos pelas crianças e jovens em diferentes espaços de aprendizagem por onde transitam em seu cotidiano, como os ambientes de lazer, os familiares, os escolares, os religiosos, os midiáticos e que contribuem para a constituição dos modos de agir, de estabelecer relações, de brincar, de demonstrar sentimentos e modos de pensar e para a inscrição de suas sexualidades.

Desse modo, colocando em suspenso a abordagem que desconsidera os efeitos das construções sociais e culturais e pensando outras possibilidades de tratar a temática na escola, tenho procurado, em meu trabalho com as crianças, problematizar os corpos, os gêneros e as sexualidades, sob uma outra perspectiva, a qual entende os sujeitos como construídos em diferentes espaços e tempos, através de práticas sociais, culturais, políticas e históricas.

Vale ressaltar que, ao tomar as sexualidades como construções sociais, históricas e culturais, a materialidade humana não está sendo desconsiderada, já que a partir dessa perspectiva, os corpos são entendidos como produções híbridas, ou seja, um misto de cultura e biologia, que estão profundamente imbricados nas práticas culturais experienciadas cotidianamente (SOUZA,2008).

Recordo-me que naquele dia, um grupo de crianças sentou-se no chão e o outro ficou de pé, em torno de algumas mesas que agruparam para dividir os livros. Percebi que o que mais chamou a atenção da turma foram as ilustrações dos corpos de meninos/meninas e homens/ mulheres, que mostravam as diferenças concernentes a cada sexo, as mudanças ocorridas em cada faixa etária, as fases de desenvolvimento do bebê no útero da mulher e a união dos corpos na relação sexual. As reações das crianças diante das questões abordadas nos livros foram diversas: risos, surpresa, vergonha e curiosidade. Foi então que veio a pergunta: “Falar sobre sexo é proibido, professora? E eu respondi: Não, é normal, é natural!”

Refletindo acerca das expressões “proibido”, “normal” e “natural”, utilizadas por mim e pelas crianças nesse dia, percebo a importância das leituras e discussões realizadas no grupo de pesquisa Sexualidade e Escola para a problematização de algumas verdades que vinham constituindo meus modos de pensar e de ser professora. Diante das narrativas produzidas

nesta interlocução, foi possível compreender que, ao dizermos que falar sobre sexo é uma coisa “natural”, estamos desconsiderando que os corpos existem em relação com as culturas e as sociedades que os produzem e o significam. Sendo assim, concordo com Goellner, Márcia Figueira e Angelita Jaeger (2007), ao afirmar que “é impossível a existência de um corpo natural fora da cultura” (p. 23), já que não é algo dado a priori e de modo universal. Partindo dessa perspectiva, torna-se necessário pensar e efetivar modos de investigar as infâncias, considerando-as imersas numa rede complexa e dinâmica de fatores que as circunscrevem como, por exemplo, as vivências das crianças, as histórias das famílias, as configurações familiares e as concepções histórico-culturais sobre as mesmas.

Assim, se ouvirmos o que as crianças têm a dizer, compreenderemos que as mesmas não estão alheias ao mundo e às relações que se estabelecem em sociedade, uma vez que não são receptáculos da cultura, mas sim sujeitos ativos, participativos, reprodutores/produtores de cultura e possuidores de direitos sociais (MULLER; HASSEN, 2010). Segundo as referidas autoras “tomar as crianças como irracionais, passivas e totalmente dependentes dos adultos atrapalha a compreensão das relações sociais mais amplas ou nas instituições, como a família e a escola” (Id., p. 475). O questionamento feito pela aluna sinaliza a necessidade de pensarmos nos modos como o tema sexualidade tem sido tratado nas escolas, nas famílias, nas religiões, nas mídias, nos livros infantis, nas conversas com os/ as amigos/as, dentre outros espaços de socialização, e como esses têm contribuído para a constituição dos modos de ser criança e pensar as infâncias.

Assim, ressalto a importância de discutirmos com as crianças a questão de que falar sobre sexo e sexualidade não pode ser mais vista como um ato proibido, vergonhoso ou feio, entendendo, como nos diz Deborah Britzman, que o direito a construir a sexualidade é, assim, composto de movimentos minúsculos e cotidianos: o direito de construir o eu, o direito ao prazer, o direito à informação adequada, o direito a fazer perguntas, o direito a ler, o direito a juntar-se ao social, o direito à curiosidade, o direito de amar (1998, p.156).

Referências:

BRITZMAN, Deborah. **Sexualidade e cidadania democrática**. In: SILVA, Luis Heron da (Org.). **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 154-171.

GOELLNER, Silvana; FIGUEIRA, Márcia; JAEGER, Angelita. **A educação dos corpos, das sexualidades e dos gêneros no espaço da Educação Física escolar**. In: SILVA, Fabiane; MAGALHÃES, Joanalira; RIBEIRO, Paula; QUADRADO, Raquel (Org.). **Sexualidade e Escola: Compartilhando Saberes e Experiências**. Rio Grande: Editora da FURG, 2007. p. 23-30.

MÜLLER, Fernanda; HASSEN, Maria de Nazareth. **A infância pesquisada**. Revista PSICOLOGIA USP, São Paulo, v. 20, n. 3, 465-480.jul./set., 2010

SOUZA, Nádia. **Pensando práticas constitutivas do corpo: os filmes infantis, a alimentação...** In: RIBEIRO, Paula; SILVA, Fabiane da; MAGALHÃES, Joanalira; QUADRADO, Raquel. (Org.). **Educação e sexualidade: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, homofobia, Aids...** organizado por Paula Ribeiro [et al], Rio Grande: Editora da Furg, 2008a. p. 71-87.